



DA ROÇA AO SAMBA: MODOS DE SER E DE VIVER NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO TERRITÓRIO DO SISAL-BA¹

Ana Cláudia do Carmo Cedraz²

RESUMO

O presente artigo apresenta os modos de ser e de viver nas comunidades quilombolas do Território do Sisal, na Bahia, enfatizando as práticas socioeconômicas e culturais que estruturam a organização comunitária e fortalecem a identidade coletiva destes sujeitos. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando como metodologia o trabalho de campo, com a realização de entrevistas semiestruturadas junto a moradores e lideranças da comunidade, além da realização de oficinas temáticas intituladas “Riquezas do nosso Quilombo: cartografia social das Comunidades Quilombolas do Território do Sisal”. As oficinas possibilitaram a valorização dos saberes tradicionais e as estratégias de resistência que marcam o cotidiano quilombola, bem como a produção coletiva da cartografia social destas comunidades. Essa cartografia, construída com a participação ativa dos sujeitos da pesquisa, evidenciou territórios de uso comum, espaços simbólicos e práticas de sociabilidade fundamentais para a reprodução material e cultural dessas comunidades. Os resultados apontam que a cartografia social, além de instrumento metodológico, configura-se como prática política de visibilidade e reconhecimento, reafirmando a importância dos quilombolas na preservação da memória, da ancestralidade e do direito ao território no âmbito do Território do Sisal. Nestas comunidades, predomina a agricultura familiar quilombola, no qual identificou-se que a terra disponível para as famílias foi bastante fragmentada, subdividida entre os familiares. As entrevistas revelaram que grande parte da população destas comunidades produz em terras com áreas menores que o módulo fiscal, o que caracteriza minifúndio.

Palavras-chave: Quilombolas, Território do Sisal, Modos de vida, Cartografia social, Ancestralidade.

RESUMEN

El presente artículo presenta las formas de ser y vivir en las comunidades quilombolas del Territorio del Sisal, en Bahía, enfatizando las prácticas socioeconómicas y culturales que estructuran la organización comunitaria y fortalecen la identidad colectiva de estos sujetos. La investigación se desarrolló a partir de un enfoque cualitativo, utilizando como metodología el trabajo de campo, con la realización de entrevistas semi estructuradas con los residentes y líderes de la comunidad, además de la realización de talleres temáticos titulados "Riquezas de nuestro Quilombo: cartografía social de las Comunidades Quilombolas del Territorio del Sisal". Los talleres permitieron la valorización de los saberes tradicionales y las estrategias de resistencia que caracterizan la vida cotidiana quilombola, así como la producción colectiva de la cartografía social de estas comunidades. Esta cartografía, construida con la participación activa de los sujetos de la investigación, evidenció territorios de uso común, espacios simbólicos y prácticas de sociabilidad fundamentales para la reproducción material y cultural de estas comunidades. Los resultados apuntan a que la cartografía social, además de ser un instrumento metodológico, se configura como una práctica política de visibilidad y reconocimiento,

¹ Este trabalho é resultado do projeto de extensão intitulado “Riquezas de nosso quilombo: Cartografia Social das Comunidades Quilombolas do Território do Sisal-BA”, cuja Proposta está registrada no Siatex/UFBA (nº 19651), com coordenação da Profa. Noeli Pertile e vice coordenação de Ana Claudia Cedraz. Após a conclusão dos trabalhos será retornado às comunidades materiais derivados das oficinas, bem como os certificados de participação de cada membro das comunidades. O trabalho de extensão é o desdobramento da minha tese de doutoramento cujo título é Tramas Territoriais e Tessituras Multidimensionais das Comunidades Quilombolas do Território do Sisal, Ba.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia, profa da rede estadual da Bahia. claudiacedraz2009@hotmail.com



reafirmando la importancia de los quilombolas en la preservación de la memoria, la ancestralidad y el derecho al territorio en el ámbito del Territorio del Sisal. En estas comunidades, predomina la agricultura familiar quilombola, donde se identificó que la tierra disponible para las familias fue bastante fragmentada, subdividida entre los familiares. Las entrevistas revelaron que gran parte de la población de estas comunidades produce en tierras con áreas menores que el módulo fiscal, lo que caracteriza un minifundio.

Palabras clave: Quilombolas, Territorio del Sisal, Modos de vida, Cartografía social, Ancestralidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as dinâmicas socioeconômicas e culturais das comunidades quilombolas do Território do Sisal-Ba, com ênfase em seus conhecimentos tradicionais, estratégias de resistência e formas de solidariedade e sociabilidade. Para tanto, a pesquisa adotou uma metodologia de caráter qualitativo, desenvolvida por meio de trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas com moradores e lideranças, e a realização de oficinas temáticas denominadas “Riquezas do nosso Quilombo: cartografia social das Comunidades Quilombolas do Território do Sisal-Ba”.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, priorizando a valorização das narrativas e experiências das comunidades quilombolas. O trabalho de campo foi estruturado em três etapas complementares: realização de entrevistas semiestruturadas, oficinas temáticas e elaboração participativa da cartografia social.

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas junto a moradores, lideranças comunitárias e representantes de associações locais. Esse instrumento metodológico permitiu compreender as percepções individuais e coletivas acerca da vida cotidiana, das práticas culturais, do uso do território e das estratégias de resistência e solidariedade.

As oficinas temáticas, denominadas “Riquezas do nosso Quilombo: cartografia social das comunidades quilombolas do Território do Sisal”, foram organizadas em formato participativo e dialógico, reunindo diferentes gerações das comunidades. Nessas oficinas, discutiram-se as práticas produtivas, tradições culturais, religiosidade e memórias da ancestralidade. Além de possibilitar a troca de experiências, esses encontros constituíram espaços de reafirmação identitária e de fortalecimento dos vínculos comunitários.

A terceira etapa metodológica consistiu na construção da cartografia social das comunidades. A produção dos mapas foi realizada de forma coletiva, em grupos, onde os próprios quilombolas identificaram e representaram os espaços de uso comum, áreas produtivas, locais de relevância simbólica, práticas culturais, espaços de memória e marcos da

Mapa 1- Comunidades Quilombolas do Município de Nordestina-Ba



Fonte: Ana Cláudia Cedraz, trabalho de campo, 2023.

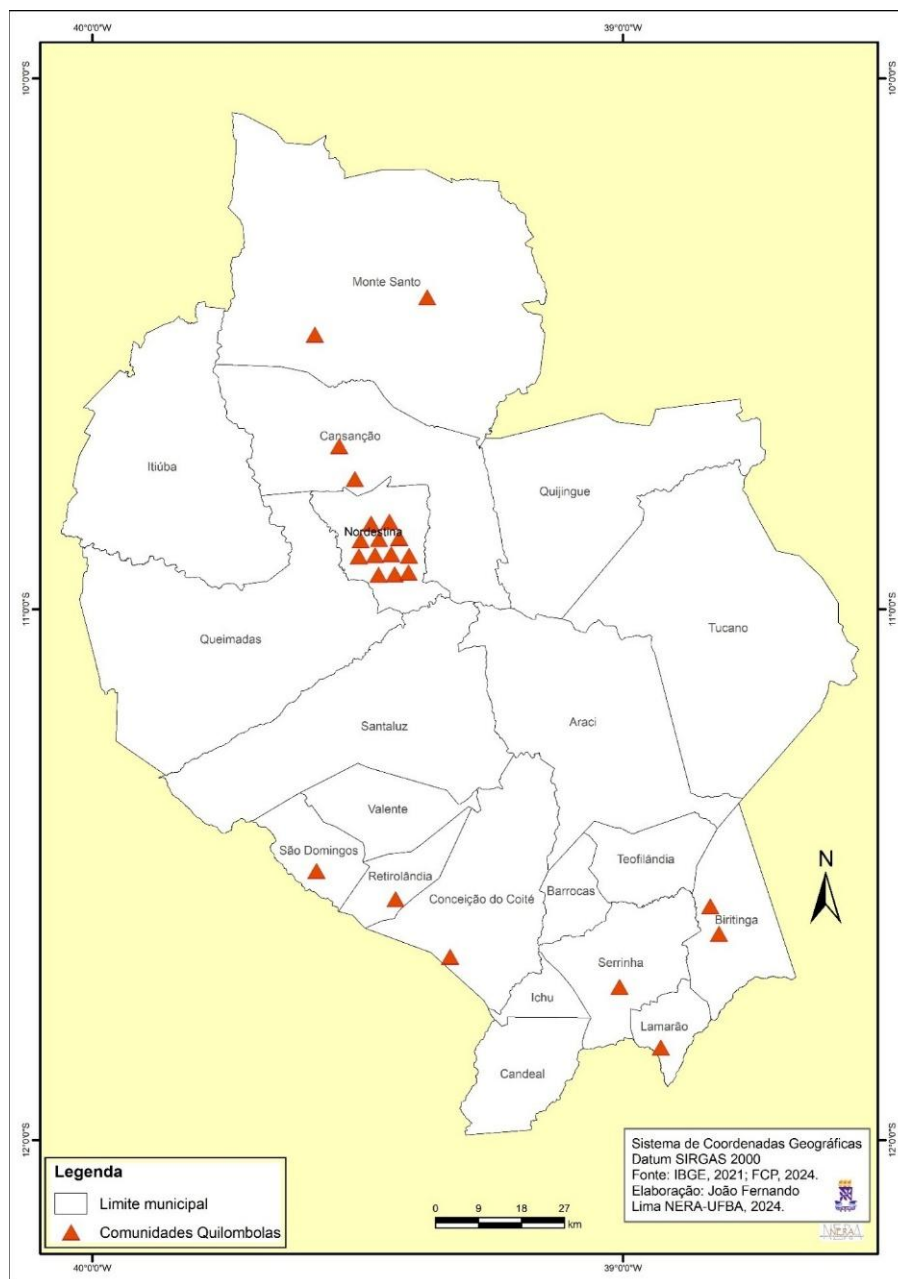
Oficinas Riquezas do Nosso Quilombo: Cartografia Social das Comunidades Quilombolas do Território do Sisal.

Ao evidenciar a centralidade da cartografia social no processo de pesquisa, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento da luta quilombola por visibilidade, autonomia e permanência no território, reafirmando a importância da ancestralidade e da coletividade como eixos estruturantes da vida nos quilombos do Território do Sisal.

O recorte espacial desta pesquisa foram as 23 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares no Território de Identidade do Sisal, quais sejam (mapa 1): Vila Nova e Trindade (Biritinga), Maracujá (Conceição do Coité), Tamanduá e Jatobá (Cansação), Laje do Antônio e Acarú (Monte Santo), Bom Sucesso, Caldeirão, Lagoa da Fumaça, Caldeirão do Sangue, Laje das Cabras, Grota, Lagoa da Cruz, Lagoa dos Bois, Lagoa da Salina, Palha, Poças e Tanque Bonito (Nordestina), Alto do Jitaí (Retirolândia), Vila África (São Domingos) e Lagoa do Curralinho (Serrinha). Neste trabalho, participaram mais de 160 pessoas de 22 comunidades quilombolas reconhecidas pela FCP no território mencionado.



Mapa 2: Território de Identidade do Sisal: Comunidades Quilombolas Reconhecidas pela FCP, 2024.



Fonte: Elaborado por João Fernando e Ana Cláudia Cedraz com base nos dados do IBGE, 2022.

A importância deste trabalho se justifica porque ainda há poucos trabalhos sobre a região semiárida do Brasil e menos ainda sobre os povos tradicionais que habitam essa região, diferente da capital e do Recôncavo que dispõe de muitos estudos sobre suas populações.

As comunidades quilombolas do Território do Sisal, localizado no semiárido baiano, representam importantes espaços de resistência histórica, cultural e política. Seus modos de ser e de viver articulam práticas produtivas, tradições culturais, religiosidade e formas de

organização comunitária que têm garantido a preservação da memória coletiva e a permanência no território frente às adversidades sociais, econômicas e ambientais. Nesse contexto, compreender as dinâmicas socioeconômicas e culturais dos quilombolas torna-se fundamental para a valorização de seus saberes e para a formulação de políticas públicas voltadas à garantia de seus direitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nestas comunidades, predomina a agricultura familiar quilombola, no qual identificou-se que a terra disponível para as famílias foi bastante fragmentada, subdividida entre os familiares (Cedraz, 2025 p.125). As entrevistas revelaram que grande parte da população destas comunidades produz em terras com áreas menores que o módulo fiscal, que é de 50 hectares para a maioria dos municípios que compõem o Território do Sisal, o que caracteriza minifúndio.

No entanto, surpreende o fato de que predominam os estabelecimentos com áreas inferiores à fração mínima de parcelamento, que é de 2,5 hectares. Na realidade, a média de terra que as famílias entrevistadas possuem é de 2,5 tarefas, o equivalente a 1,08 hectares. Esses estabelecimentos rurais, menores que a fração mínima estabelecida para cada município brasileiro pelo INCRA, foram denominados “nanofúndios”, por Pertile (2023). Nestes pequenos estabelecimentos os moradores plantam milho, feijão e mandioca, que são a base da alimentação do sertanejo, e uma variedade considerável de frutas e hortaliças, aproveitando cada espaço que têm para produzirem alimentos (figura 1).

Figura 1- Nordeste: Plantação nas comunidades Lagoa de Salinas e Lagoa dos Bois



Fonte: Ana Cláudia Cedraz, trabalho de campo, 2023

Além da produção agrícola cabe destacar que os quilombolas criam animais de pequeno porte como ovinos, caprinos, suínos e galináceas. Criar animais de pequeno porte é a



melhor opção para os moradores devido as condições do ambiente semiárido e também por conta da limitação do acesso a terra. Segundo os próprios moradores, o tamanho dos estabelecimentos inviabiliza a criação de bovinos e os animais de pequeno porte são mais fáceis de manejar nos períodos das estiagens.

O trabalho nestas unidades familiares é realizado na maioria das vezes de modo coletivo. 68% dos participantes das entrevistas semiestruturadas informaram que o trabalho é realizado coletivamente (com os membros da família, vizinhos e amigos). Segundo Arruti (2003, p. 95) “a vizinhança entre as roças e os constantes laços de parentescos entre as unidades produtivas tornam essa forma de colaboração muito comum, ainda que o cuidado com tais roças, o patrocínio do mutirão e o produto delas fossem prerrogativas de cada unidade familiar produtiva em separado”. Situação semelhante a descrita por Arruti também foi identificada nestas comunidades, pois, ainda que o trabalho seja feito de forma coletiva, o resultado da produção é da unidade familiar produtiva, mas, a partilha dos itens produzidos reforça os laços de solidariedade entre parentes e vizinhos.

Nestas comunidades tradicionais nota-se que as atividades agrícolas e a criação de animais são realizadas sobremaneira com técnicas tradicionais, usando o conhecimento ancestral passado de geração-à-geração. Contudo, é possível observar a presença de alguns equipamentos “modernos” como tratores, colheitadeiras, forrageiras, casas de farinha mecanizada entre outros equipamentos que tem contribuído com as atividades rurais nestes espaços, reduzindo o tempo da aragem da terra e do plantio e colheita de feijão e milho, por exemplo (Cedraz, 2025, p.152). Cabe destacar que estas “modernidades” não chegam de maneira igualitária em todos os estabelecimentos rurais e não estão presentes em todas as comunidades quilombolas analisadas. A presença destes equipamentos foi mais acentuada nas comunidades onde as associações são mais atuantes.

Para complementar a renda, devido ao tamanho de seus estabelecimentos e a própria dinâmica natural da região semiárida), os quilombolas desenvolvem diferentes atividades complementares. Entre estas atividades destacaram-se o extrativismo e o artesanato. Os quilombolas praticam o extrativismo pensando no menor impacto possível para a natureza. Eles retiram da caatinga apenas o essencial para suas necessidades pois para eles a natureza é sagrada e a relação de respeito com a terra e com a ancestralidade, com o alimento e com a vida, é parte da sua cultura e identidade (Cedraz, 2025, p. 125). A principal matéria-prima usada na confecção de artesanatos é retirada da caatinga, como palhas, cipós e sementes; e em alguns casos utilizando a fibra do sisal, fibra que é bastante comum na região.



Além da busca de atividades complementares, outra consequência da concentração fundiária identificada nestas comunidades foi o êxodo dos quilombolas. Muitos homens e mulheres são obrigados a deixarem seus territórios pela falta de terras para produzirem, situação que se agrava com as secas recorrentes na região, como citado por Cedraz (2025). Na esperança de poderem retornar a seus territórios, muitos quilombolas migram em busca de trabalho e mandam parte do que conseguem ganhar em outros estados ou municípios para suas famílias que permaneceram nos quilombos. Essa é uma estratégia encontrada pelos moradores para a manutenção de suas territorialidades.

Durante as oficinas Riquezas do nosso quilombo, os moradores apontaram as feiras livres, as casas de farinha, os campos de futebol, as escolas, as igrejas, as associações, os açudes, as praças, os mercadinhos e as bodegas como principais espaços de uso coletivo que existem nas comunidades. Esses espaços formam redes de sociabilidades que contribuem com a permanência de seus modos de vida e o fortalecimento de suas territorialidades. Nestes espaços acontecem o samba de rodas e o samba de caboclo, o reisado, as festas juninas, as missas, as práticas de cura, a devoção aos santos, caboclos e orixás, as comemorações em homenagem ao dia da consciência negra e outras práticas culturais. Todas estas atividades estão diretamente relacionadas as vivências que os quilombolas tem em suas pequenas roças. Muitas vezes os sambas começam ainda no campo, após uma colheita, e chegam até a casa dos brincantes, onde são servidas bebidas e comidas.

Os festejos articulam elementos religiosos, musicais, culinários e artísticos que refletem uma herança afrodescendente ressignificada no tempo. As festas em homenagem a santos padroeiros, como São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição ou Santa Bárbara, mesclam rituais católicos com manifestações culturais de matriz africana. Segundo Cedraz, (2025, p.215) “as manifestações culturais nestes territórios tradicionais são diversas: folias de reis, sambas de roda e sambas de caboclo, caruru, festas juninas e outras”. Geertz (1989, p. 24), define manifestações culturais “como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) é um contexto, algo dentro do qual esses acontecimentos sociais, comportamentos, instituições ou processos podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade”. Nesse sentido, as manifestações presentes nos territórios tradicionais estudados estão permeadas por simbologias e se relacionam as dinâmicas sociais dos grupos (Cedraz, 2025, p.215).

Nessas ocasiões, a comunidade se mobiliza de maneira coletiva: cada família contribui com alimentos, bebidas, organização do espaço e acolhimento de visitantes. A partilha é um valor central, refletindo a lógica da coletividade e da solidariedade que marcam a vida quilombola.

Além do aspecto religioso, os festejos também são marcados por práticas musicais e danças que fortalecem a memória ancestral. O toque de tambores, a presença da viola, da sanfona e do pandeiro criam um ambiente sonoro que conecta os participantes às raízes africanas e sertanejas. As roupas coloridas, os cortejos e as dramatizações populares conferem à festa uma dimensão estética e simbólica. Na comunidade quilombola Tamanduá em Cansanção há um grupo de mulheres sambadeiras chamadas de as Margaridas (figura 2). Esse grupo participa de eventos na própria comunidade e também em comunidades vizinhas, fortalecendo as redes de sociabilidades entre os territórios.

Figura 2- Cansanção: Grupo de dança as Margaridas, da comunidade Tamanduá



Fonte: Ana Cláudia Cedraz, trabalho de campo, 2025. Registro da oficina temática Riquezas do Nosso Quilombo: cartografia social das comunidades quilombolas do Território do Sisal.

Essas festas também são momentos de afirmação política e de resistência frente às desigualdades históricas vividas por essas comunidades. Durante as celebrações, temas ligados à luta pela terra, ao direito ao território e à preservação da cultura quilombola são discutidos de forma simbólica e prática.

Os encontros festivos tornam-se, assim, espaços de fortalecimento da identidade coletiva e de articulação de lideranças comunitárias. Oficinas, rodas de conversa e apresentações culturais realizadas em paralelo aos festejos contribuem para o processo de educação popular e de transmissão de saberes intergeracionais, são portanto, redes de sociabilidades que possibilitam a manutenção da identidade negra nestes quilombos.

A hipótese que levantamos é a de que as redes estabelecidas pelas comunidades quilombolas possibilitam territorialidades multidimensionais, notadamente pelas dimensões



de pertença material e simbólica projetadas sobre o território de uso tradicional. Portanto, o território resultante das relações sociais, está permeado pelo controle, “domínio e apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados” (Haesbaert, 2013, p. 121).

As associações além de incentivar a agricultura familiar, desempenham papel importante na manutenção dos modos de vida da população local, pois elas fomentam atividades culturais como o Novembro Negro no Jitaí (Retirolândia), em Tamanduá e Jatobá (Cansanção), Lage do Antônio (Monte Santo), Vila Nova e Trindade (Biritinga) e Sítio Santana (Lamarão), o samba de roda e o samba de caboclo no Maracujá (Conceição do Coité), e as festas de reis nas comunidades Lagoa de Salinas, Poças, Lagoa dos Bois, Caldeirão do Padre, Laje das Cabras, Grotas, e outras (Nordestina) (Cedraz, 2025, p.214). Sobre os esforços empreendidos pelas associações e cooperativas do Território do Sisal, Lima e Coelho-Neto (2017), registraram que:

Associações, cooperativas e sindicatos que, em sua maioria se originaram no campo pela atuação das pastorais rurais, aglutinam esforços não apenas para a organização do processo produtivo e da comercialização, mas também para mobilização e ativismo político (a exemplo da ampliação e fortalecimento das redes de participação política), e para apoiar e promover atividades socioculturais e educativas (criação de centros culturais, clubes sócio-recreativos e escolas agrícolas) (Lima; Coelho-Neto, 2017, p.59).

Verifica-se, desta forma, que as associações comunitárias quilombolas do Território do Sisal, assim como outras associações e cooperativas deste território de identidade têm grande relevância para os municípios. Tais organizações podem representar considerável poder político da sociedade civil perante o espaço público, e significar importante avanço para a sociedade. “A trama de efeitos que analisamos sobre a atuação destas instituições revela que, quando os cidadãos estão organizados em suas entidades como as associações, ganham força e representatividade para reivindicar suas necessidades” (Cedraz, 2025, p. 214).

Assim, “Da Roça ao Samba” título que nomeia este artigo revela que o caminho que liga o trabalho na terra às expressões culturais é feito de resistência, criatividade e identidade. Mais do que um simples deslocamento entre espaços, trata-se de uma travessia cultural em que os saberes do campo, as memórias coletivas e a força comunitária encontram nas práticas cotidianas um território de afirmação e continuidade histórica. Nesse percurso, as comunidades quilombolas do Território do Sisal se destacam como guardiãs de tradições que unem o cultivo da terra às manifestações festivas, trazendo para o presente práticas herdadas de seus ancestrais. A cultura, a oralidade e a espiritualidade quilombola transformam a roça



em palco e o samba em instrumento de resistência, reafirmando o direito de existir e de narrar suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho nas roças, mesmo diante das adversidades impostas pelas condições do semiárido e da limitação do acesso a terra permanece como elemento central de reprodução material e simbólica, assegurando a transmissão intergeracional de saberes e práticas agrícolas. As associações quilombolas, por sua vez, desempenham papel estratégico ao fortalecer a organização coletiva, ampliar o acesso a políticas públicas e reivindicar direitos fundamentais, tornando-se instrumentos de resistência e empoderamento social.

As práticas cotidianas dos quilombolas do Território do Sisal evidenciam a complexidade e a relevância das dinâmicas sociais que sustentam a vida comunitária. As festas religiosas, mais do que momentos de devoção, configuram-se como espaços de reafirmação identitária e de coesão social, possibilitando a manutenção de tradições que articulam fé, cultura e pertencimento.

Nesse sentido, as práticas cotidianas, sejam elas ligadas ao trabalho, à religiosidade ou à vida comunitária organizada, demonstram a vitalidade das comunidades quilombolas do Território do Sisal e ressaltam a necessidade de reconhecimento acadêmico, político e social desses territórios enquanto espaços de resistência, produção de conhecimento e afirmação identitária.

Observa-se, portanto, que muitas manifestações culturais e práticas cotidianas de produção de alimentos, como as casas de farinha, a bata de feijão e milho (entre outras) nas comunidades quilombolas do Território do Sisal estavam desaparecendo, diante da chegada de outras práticas “modernas” (Cedraz, 2025, p.). Contudo, a partir do processo de reconhecimento destas comunidades, muitas foram resgatadas pelos próprios moradores e, atualmente, formam um elo entre os quilombolas e seus ancestrais.

Os festejos apresentados demonstram aspectos da vida comunitária como a partilha e solidariedade. Portanto, a historicidade destas comunidades é assinalada por eventos que ressignificam e dinamizam as suas estruturas sociais e territoriais; sobretudo, no que se refere as dinâmicas agrícolas e agrárias de seus territórios. Estas dinâmicas sociais vivenciadas pelos quilombolas se mantêm vivas no tempo e são imortalizadas na memória coletiva por meio da lembrança.



Os festejos nas comunidades quilombolas do Território do Sisal configuram-se como expressões complexas que articulam fé, cultura, memória e política. Eles reafirmam a importância da coletividade, a resistência histórica dos quilombolas e a valorização de suas raízes africanas. Mais do que simples momentos de lazer, essas celebrações são verdadeiros rituais de resistência cultural, nos quais o passado se atualiza e fortalece as lutas do presente.

Reconhecer a relevância desses festejos implica valorizar as comunidades quilombolas como sujeitos de direitos, detentores de uma herança cultural viva e essencial para a pluralidade da sociedade brasileira.

Assim, a combinação de entrevistas, oficinas temáticas para a produção da cartografia social proporcionou uma compreensão ampliada dos modos de ser e de viver das comunidades quilombolas, assegurando a centralidade da voz dos sujeitos na produção do conhecimento e fortalecendo o caráter participativo da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, J. M. **RTC Cangume**. São Paulo: ITESP, 2003.

CEDRAZ, Ana Cláudia do Carmo. Tramas territoriais e tessituras multidimensionais das comunidades quilombolas do Território de Identidade do Sisal - Ba. 2025. 308 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador (Bahia), 2025

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2013.

LIMA, Jamile da Silva; COELHO NETO, Agripino Souza. Território do Sisal-Bahia: da Difundida Precariedade ao Fortalecimento dos Ativismos Sociais. **Geografares**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES Janeiro-Junho, 2017. ISSN 2175 -3709

PERTILE, Noeli. Terra, território e resistência: reflexões a partir de Bahia. *in*. IV **Congresso Brasileiro de Organização do Espaço**. Rio Claro, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F70GxAiLfTM&t=2s>

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.